

Mais sobre psicanálise e Wilfred Bion

Chegado hoje a Brasília o psicanalista inglês Wilfred Bion, a convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, numa iniciativa de Virgínia Bicudo. Durante todo o mês de abril receberá na capital analistas de diversas partes do país para seminários clínicos e sob o patrocínio da Secretaria de Educação participará de quatro painéis sob o tema: Brasília - uma experiência nova, onde serão relatores diversas personalidades brasileiras. Eis um apanhado de Bion pelo analista didata Frank Philips que teve a oportunidade de conhecer de perto o famoso pensador inglês.

Conheci Wilfred Bion na década de 1950 no início da minha formação e trabalho psicanalítico durante vinte anos em Londres. Desde a primeira vez que o encontrei impressionou-me a personalidade, especialmente pela diferente abordagem à psicanálise, diferente daquela da maioria dos meus colegas. Não seria fácil dizer, naquela época, em que consistia a diferença; — talvez, intuitivamente percebi nele, um sentido mais profundo da realidade psíquica na relação psicanalítica. Em seminários e grupos de estudo, que juntos frequentamos, observei o bom senso e a sua integridade.

Após alguns anos de análise pessoal com Melanie Klein, imensamente significativa para mim, desejei aumentar a experiência de psicanálise. Circunstância afortunada permitiu-me fazê-la com Bion. Esta foi longa, confirmando o que havia pressentido em qualidades nesse homem.

Bion passou toda a sua vida profissional na Inglaterra até 1968, quando transferiu-se para Los Angeles onde vem trabalhando até hoje. Em fins de 1968 também decidi deixar Londres e vir para São Paulo. Já tinha vivido e trabalhado aqui, chegando a compreender o povo e a língua, o que pareceu-me retornar para casa.

Os analistas que em 1973 frequentaram as conferências de Bion em São Paulo ("Bion's Brazilian Lectures" — Imago Editora) e o consultaram em supervisão, puderam apreciar a pessoa que ele é e sentir algo da abordagem que indica e consegue com a pessoa em análise. Para quem é "de casa", como eu, alegra-se ver o número de colegas atraídos pelo aumento de perspectivas reais que o trabalho de Bion traz para a Psicanálise. Em 1974 Bion retornou ao Brasil, e São Paulo e Rio já exigiram sua presença. Agora em 1975 ele estará em Brasília durante o mês de abril.

Aqueles que estiverem pela primeira vez trabalhando com Bion engrossarão a corrente de tantos outros que mais uma vez usam a oportunidade que propicia vê o extraordinário desenvolvimento em Psicanálise. Além do trabalho clínico ele vem devotando imensa atenção à elaboração de observações e reflexões, através de livros e conferências. Apesar da evolução que a análise teve, que eu conheça ninguém após Freud fez trabalho tão exaustivo quanto à maneira realista de observar fenômenos psíquicos que surgem numa análise, assim o objetivo de reconhecer mais sobre a verdade da personalidade do analisando pode ser ampliado.

É impossível em poucas palavras transmitir a extensão desse trabalho, porém,

sob o ponto de vista prático, a ênfase está na abordagem que faz perceber ou destacar no material do analisando, pensamento e verbalização, o caráter desconhecido da personalidade sobressaindo de coisas conhecidas ou comuns, que são naturalmente mais óbvias para quem está voltado a ver apenas o conhecido ou comum. Alguém que começa sua análise e acredita que é casado, pai de alguns filhos. Este fato que é verdadeiro para o status civil não é necessariamente de modo algum correspondente à constatação psicanalítica de que ele é "solteiro". A possibilidade que análise ajude a perceber esse fato em toda significação quanto aos múltiplos aspectos e invulgares de sua personalidade, ofereça-lhe pela primeira vez na vida oportunidade de trabalhar com alguém — o analista — a juntar ao conhecimento que tem de si próprio áreas desconhecidas de sua realidade. Desta maneira, a realidade que tanto aflige pode, aprofundando insight, tornar mais tolerável o medo e o ódio da realidade e incluir o contato interno dele mesmo, permitindo-lhe suportar a depressão do conhecimento. Como resultado sua personalidade pode fazer-se mais forte graças à essa experiência.

A extensão em que a experiência se torna válida e profunda vai depender do grau em que a verdade dessa experiência pode ser sentida e estabelecida dentro da personalidade.

a



O vínculo principal através de toda análise é o verbal entre o analisando e seu analista. É a esta relação que Bion trouxe observações mais reveladoras, quero dizer uma teoria do pensamento que ele escreveu em 1961 e vem desde então elaborando extensivamente. Uma rápida olhada aos títulos dos capítulos do livro "Atenção e Interpretação" dá a medida da extensão e mostra a gama dos objetos de sua preocupação científica: — Medicina como um modelo; Realidade sensorial e psíquica; Opacidade de memória e desejo; O místico e o grupo; O continente e o contido; Mentiras e o pensador.

Bion escreveu, há muitos anos, um livro sobre suas experiências em grupos e tem sempre enfatizado a importância de grupos e a sua função na vida psíquica do indivíduo. É decorrente disso, também, o insight que o fez marcar a configuração complexa da relação entre o místico e o grupo, tratando de fenômenos inerentes à mudança e desenvolvimento tanto nas relações externas quanto no processo psíquico de sua vida mental. É um assunto ilimitado revelando a cada passo áreas desconhecidas da vida psíquica.

Para melhor estudar a abordagem desse mundo até então desconhecido, ele inventou uma "grade" para ser usada no exame de material clínico. A Grade foi concebida para

permitir ao analista um rápido exame fora da sessão do que pode ter ocorrido na sessão, tentando supor as possíveis expressões genéticas ou de aplicação do pensamento, emoções e sentimentos, que surgem no material da sessão. É destinada a Grade para aumentar e manter a flexibilidade e prontidão da intuição.

Bion tem sublinhado que é após o término da psicanálise pessoal, que o analista inicia de fato a possibilidade de contato mais real com a mente dos seus psicanalisandos. É enganoso imaginar que a sua análise não passa de um começo para esse contato psíquico.

Tudo isto leva, sob seu ponto de vista, à conclusão de que ao fazer psicanálise estamos presenciando "um universo em expansão". Seria um perigo para a ciência psicanalítica se ficar prisioneiro apenas daquilo que já conseguimos conhecer, num sistema de interpretações formalizadas como espécie de dogma que imobiliza a percepção do psiquicamente real.

Analista: "Então que vou dizer para este paciente agora?"

Analisando: "Devo pensar que eu sou assim?". Ambos apelando para a jurisdição de uma Autoridade Suprema.

Pessoalmente estou convencido que se esses assuntos não forem levados a sério por todos nós, a ciência psicanalítica deteriorará.